

J.L. Borges e a tragédia da duração infinita: ensaio sobre o traço e a memória a partir da metapsicologia freudiana

J.L. Borges and the tragedy of infinite duration: an essay on memory based on Freudian metapsychology

João Paulo Ayub

Resumo:

O tema da memória é central tanto na escrita ensaística e ficcional do escritor argentino Jorge Luis Borges, quanto no arcabouço teórico da psicanálise freudiana. Neste artigo pretende-se problematizar o registro da memória e seus modos de inscrição no conto “Funes, o memorioso”, de Borges, assim como se discute as vicissitudes dos traços mnêmicos a partir da metapsicologia de Freud.

Palavras-chave:

Metapsicologia, memória, esquecimento.

Abstract:

Memory is central to both Jorge Luis Borges’ writing and Freudian psychoanalytic theory. In this article, the recording of memory and its modes of inscription in Borges’s short story “Funes, the memorioso” are discussed, as well as the vicissitudes of memory in Freud’s metapsychology.

Keywords:

Metapsychology, memory, forgetfulness.

*“nada do que foi uma vez ouvido
pode repetir-se com as mesmas palavras”*

Plínio, *Naturalis historia*

Em “Funes, o memorioso”, um dos contos mais conhecidos do argentino Jorge Luis Borges, o escritor nos apresenta um personagem bastante curioso. Trata-se de Ireneo Funes, um jovem que viveu até os 21 anos, condenado desde os 19, após um acidente de cavalo em que ficou paraplégico, a se lembrar de cada ínfimo detalhe: “antes daquela tarde chuvosa em que o azuleiro o derrubou, ele havia sido o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um aturdido, um desmemoriado.” (2007, p. 104)

Todas as impressões dos sentidos, assim como quaisquer sensações, sonhos, histórias, encontros, data e hora precisa dos dias ele lembrava:

Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do dia 30 de abril de 1882 e podia compará-las na lembrança com os veios de um livro em papel espanhol que ele havia olhado uma única vez e com as linhas de espuma que um remo levantou no rio Negro na véspera da Batalha de Quebracho. (2007, pp.104-105)

A despeito de possuir uma capacidade de memória que o diferenciava de todos os outros homens, Ireneo Funes vivia isolado, imóvel e insone, mergulhado na penumbra de um quarto escuro. Certa noite, ele disse ao narrador do conto: “Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo”. E também: “Meu sonho é como a vigília de vocês”. E ainda, por volta do amanhecer: “Minha memória, senhor, é como um monte de lixo” (2007, p. 105). Incapaz de se esquecer, a vida de Funes se resumia à catalogação e ordenação das dobras infinitas de um mundo vivido cada vez mais estendido, para sempre capturado na trama de uma “memória infalível”.

Entre tantas outras características apresentadas neste conto de Borges, a curiosidade despertada pela figura de Funes (o “memorioso”) reafirma esta que é uma das especificidades da literatura borgeana: a figuração do estranho¹. Ireneo Funes desperta no narrador (e no leitor) não somente o interesse por uma vida excêntrica, praticamente escondida na pequena cidade uruguaia

1 A proximidade entre Borges e Freud no que diz respeito às implicações estéticas do conceito freudiano será demonstrada adiante.

de Fray Bentos, localizada na fronteira com a Argentina. Em sua narrativa percebe-se, sobretudo, a inquietação diante de uma infinidade de traços de memória intraduzíveis, inapagáveis. Preso a uma coleção infinita de objetos percebidos, as palavras de Funes não são, tampouco, uma construção simbólica do mundo. Sem qualquer deslocamento ou condensação de suas lembranças, sem “lembranças encobridoras”, sua representação do mundo adquire a forma de uma apresentação imediata do instante percebido: o mundo revelado em sua dimensão concreta e intraduzível, e, portanto, não suscetível de alterações, se confunde com o modo como o próprio Funes representa a inscrição do vivido. Não sendo a memória (para Freud) uma reprodução simples e acabada da existência, mas uma forma singular de inscrição e retranscrição de estímulos internos e externos, pode-se dizer que Funes está para sempre enclausurado na plasticidade imutável do instante percebido.

Não há qualquer possibilidade de transcendência neste mergulho na vivência concreta, um presente “intolerável de tão rico e tão nítido”. Mesmo quando Funes inventa para si um “sistema original de numeração”, sua lógica revela-se profundamente delirante²:

Este [o vertiginoso mundo de Funes] não o podemos esquecer, era quase incapaz de ideias gerais, platônicas. Não só lhe custava compreender que o símbolo genérico cachorro abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; incomodava-o que o cachorro das três horas e quatorze minutos (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cachorro das três e quinze (visto de frente). Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos, surpreendiam-no a cada vez. (2007, p. 107)

Diante desta figura singular que habita o universo de Borges, experimentamos a expressão estética genuína de um “estranho-familiar” (*Das unheimliche*)³. A incapacidade de esquecer, de ocultar, parece ser uma outra forma possível

2 Sobre o sistema de numeração de Funes, diz o narrador: “Eu procurei lhe explicar que essa rapsódia de termos desconexos era precisamente o contrário de um sistema de numeração. Observei que dizer trezentos e sessenta e cinco era dizer três centenas, seis dezenas, cinco unidades: análise que não existe nos ‘números’ *O Negro Timóteo* ou *manta de carne*. Funes não me entendeu e não quis me entender.” (2007, p. 106)

3 FREUD, Sigmund. O Infamiliar: seguido de O homem da areia. Tradução de Romero Freitas, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

(invertida?) de aplicação da fórmula freudiana do “oculto que vem à tona”. Em Funes, ao contrário, tudo vem à tona, sem barreiras, sem recalque, cru. Não há o que recalcar porque nada fica escondido, ocultado. Um mundo sem disfarces, destinado à sua apresentação contínua.

A investigação da memória – entendida enquanto série diferencial dos registros ideativos dos estímulos que incidem sobre o aparelho psíquico – esteve desde sempre presente no centro das preocupações teóricas de Freud. O modo como a vivência (seja oriunda de fonte endógena, seja exógena) e sua expressão adquirem representabilidade psíquica, assim como a qualidade das representações e a intensidade dos afetos a elas associados estão no cerne da explicação do funcionamento do aparelho freudiano.

Na *Carta 52*, de 1896, endereçada a Wilhelm Fliess, Freud diz o seguinte sobre o que poderíamos chamar de “aparelho de memória”⁴:

Querido Wilhelm,

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação sucessiva, pois de tempos em tempos o material presente sob a forma de traços mnêmicos experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. Há algum tempo atrás (*Sobre a concepção das Afasias*) postulei a existência de uma espécie semelhante de reordenamento com respeito às vias que chegam a partir da periferia. Não sei quantas dessas retranscrições existem. Pelo menos três, provavelmente mais. (1996, pp. 287-288)

4 Segundo Garcia-Roza, em sua análise da *Carta 52*: “O sucesso de Freud em conciliar memória e percepção não elimina o fato incontestável de que o aparelho psíquico por ele concebido é um aparelho de memória. A memória não é uma propriedade, dentre outras, do aparelho, mas a sua própria essência.” Garcia-Roza, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana: Sobre as Afasias (1891): O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, pp. 199-200.

Os modos de inscrição/retranscrição apontados por Freud na *Carta 52* ganham inteligibilidade a partir da compreensão do funcionamento dos sistemas Pcs-Cs e Ics, assim como do trânsito que se estabelece entre eles.⁵ Desde um ponto de vista tópico, cada sistema traduz um traço originariamente percebido enquanto “signo de percepção”. De acordo com Freud, “esta é a primeira inscrição das percepções, totalmente inacessível à consciência e articulada segundo uma associação por simultaneidade.” (1996, p. 288) As outras transcrições deste traço originário estabelecem formas distintas de articulação e associação, em cuja sucessão acabam por se vincular às representações-palavra próprias do sistema Pcs. A memória, nesse sentido, longe de ser a reprodução fiel de um traço originário (“a memória não preexiste de maneira simples”), resultaria de uma série de mudanças correspondentes aos diversos modos como cada sistema traduz uma dada representação (“está registrada em diversas variedades de signos”). Já o sistema Pcs-Cs, por sua vez, pode acolher ou rechaçar determinada representação, dependendo, fundamentalmente, da atuação dos mecanismos de recalque operantes na passagem de um sistema a outro. Isso se dá ou porque uma determinada representação consciente se torna uma fonte de desprazer, devendo ser recalçada; ou porque a passagem de uma representação do sistema Ics para o Pcs-Cs pode gerar desprazer. Neste caso, o componente afetivo associado a uma representação intolerável – para o novo sistema e, mais tarde (segunda tópica), para o Eu – deverá seguir seu caminho em direção à descarga, e a representação a ele associada, uma vez recalçada, poderá ser reinvestida por outras representações através dos mecanismos de deslocamento e condensação (retorno do recalçado). Os traços mnêmicos são, enfim, retranscritos, resultando em novas soluções de compromisso capazes de permitir a descarga da excitação proveniente do sistema Ics. De acordo com Garcia-Roza,

Cada transcrição inibe a anterior e desvia seu processo excitatório. Quando não ocorre uma transcrição, a excitação segue obedecendo às leis que vigoravam no período anterior. [...] O recalamento é concebido aqui como uma recusa da tradução que geraria desprazer. O início de geração de desprazer provocado por uma tradução do material psíquico provocaria uma perturbação no pensamento e o

5 Ver Freud, “O Inconsciente” In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo; Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

trabalho de tradução não seria completado. Não se trata, portanto, de uma falha mecânica, mas de uma defesa. (1994, pp. 204-205)

As “lembranças encobridoras” ilustram formas bastante significativas de distorção/tradução dos traços mnêmicos. Como consequência da transcrição do traço entre os sistemas, uma lembrança anterior ou posterior a um determinado evento é deslocada para encobri-lo.⁶ Na raiz desta distorção/tradução Freud identifica um conflito entre forças psíquicas incompatíveis: o desejo que procura lembrar um evento significativo, causador de um grau considerável de excitação psíquica, e a resistência a essa mesma lembrança, potencialmente desprazerosa devido à sua carga de excitação. Contudo, as lembranças encobridoras são a prova de que as duas forças opostas não se anulam. Elas realizam um compromisso segundo o qual uma determinada experiência será lembrada não a partir de seus elementos principais, mas por derivados associativos que lhe farão parecer algo trivial e/ou mesmo desprovido de sentido.

O conto “Funes, o memorioso” pode ser lido como uma reflexão sobre a memória. Muitas vezes associada à dor do esquecimento ou à impossibilidade de representação, aqui o que impressiona narrador e leitor (*O infamiliar*) é uma qualidade rara do lembrar: uma “memória infalível” que tudo retém. Desde suas primeiras formulações, a psicanálise reorientou de forma definitiva toda discussão sobre a memória e o esquecimento. Muito já foi escrito a partir de Freud sobre a memória, mas vale destacar, sobretudo, o papel da dinâmica afetiva que enseja o trabalho de retranscrição dos traços mnêmicos entre os “lugares” psíquicos, o caminho a partir do qual “o traço começa a tornar-se escritura”, nas palavras de Derrida.⁷ Nesse sentido, lembrar não é reproduzir, mas traduzir. O ato de lembrar coloca em jogo forças outras que suspendem qualquer possibilidade de afirmação/repetição do mesmo... o idêntico sucumbe ao jogo de diferenças que resulta dos processos de retranscrição. Em contextos traumáticos, vale lembrar, discute-se a possibilidade de representação da vivência. O excesso do trauma pode romper definitivamente a possibilidade de um signo percebido vir a serrepresentação- palavra.

6 “Lembranças encobridoras” (1899) In: Obras Completas de Sigmund Freud. V. III. RJ: Imago. 1996.

7 Derrida, J. “Freud e a Cena da Escritura”. In: A escritura e a diferença. SP: Perspectiva, 2009.

Ireneo Funes, nosso personagem borgeano, carrega a estranha singularidade de ter sido condenado a uma “memória infalível” após um acidente traumático que o deixou paralítico, vivendo como se condenado à prisão na penumbra do seu quarto. Sua condição física é a de quem se encontra incapaz de mobilidade, imerso no acúmulo infundável de uma catalogação interminável, inútil, desprovida de qualidade (“Minha memória, senhor, é como um monte de lixo”). Retomando a fórmula do “estranho familiar” segundo a qual o que é oculto vem à tona, Funes experimenta a condição absurda de nada ocultar, convertendo os atributos da atemporalidade e simultaneidade próprios do registro inconsciente numa quase-consciência expandida, ilimitada, empobrecida porque inapta a qualificar qualquer experiência.

Desde seus primeiros escritos da década de 1890 (*O Projeto de 1895* e a *Carta 52*), incluindo “Nota sobre ‘O Bloco Mágico’”, de 1925, Freud se dedicou a pensar a relação entre a função perceptiva do aparelho psíquico e a capacidade de memória. Nosso aparelho, para Freud,

tem ilimitada capacidade de receber novas percepções e cria duradouros – mas não imutáveis – traços mnemônicos delas. [...] Nós possuímos um sistema Pcp-Cs, que acolhe as percepções mas não conserva traços duradouros delas, podendo se comportar como uma folha em branco diante de cada nova percepção. Os traços duradouros das excitações recebidas se produziram em “sistemas mnemônicos” situados por trás dele. (2011, p. 269)

A estranheza de Funes se daria, entre outras coisas, por sua capacidade de confundir as funções de percepção e inscrição de traços duradouros. O personagem que acumula indefinidamente os traços percebidos nos faz pensar (e estremecer!) diante da possibilidade de um aparelho permanentemente excitado em sua função perceptiva, incapaz de recolher seu investimento do mundo externo (cronicamente insone, diz Funes: “Meu sonho é como a vigília de vocês”⁸) em direção a uma vida interior qualificada. Funes não pode sonhar e, portanto, não pode alucinar e atribuir um “sentido de realidade” subjetivo ao mundo objetivamente percebido. Na *Carta 52*, Freud se refere à

8 Noutra passagem, diz o narrador: “Para ele, dormir era muito difícil. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas no catre, na sombra, ficava imaginando cada greta e cada moldura das casas certas que o rodeavam”. (2007, p. 108)

“ativação alucinatória das representações-palavra” como um atributo de uma “consciência-pensar” posterior, retardada (porque alucinada) no tempo. Uma descontinuidade na função de percepção que estaria, para Freud, “na origem da ideia de tempo”. (2011, p. 269)

O narrador do conto desconfia que, na sua apreensão indiscriminada do mundo percebido, Funes também não seria “capaz de pensar”: “Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não fosse muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo entulhado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos.” (2007, p. 108)

Paradoxalmente, em termos psicanalíticos a figura literária de Ireneo Funes está aquém da memória. Incapaz de pensamento, simbolização e alucinação via palavra, o personagem padece de uma soberania da inscrição (dos signos de percepção), uma espécie de percepção congelada, sem a experiência de uma temporalidade intrínseca à matéria da lembrança, deslocamento ou condensação, atributos inerentes à dinâmica da memória (e à estrutura da linguagem). Impossível pensar um aparelho psíquico (em *Sobre a concepção das Afasias*, trata-se de um “aparelho de linguagem”) que não realize o movimento (temporal) apropriado aos processos de inscrição/retranscrição dos traços de memória. Preso para sempre no instante idêntico da apreensão do mundo, Funes não promove o movimento de diferenciação que é próprio do lembrar, segundo o funcionamento do aparelho freudiano. Em seu comentário à *Carta 52*, Garcia-Roza diz: “Antes de qualquer tentativa de repetição do idêntico, o que ocorre é uma repetição diferencial. A memória não se acrescenta à vida para mantê-la. Repetição e diferença já estão presentes desde o começo.” (1994, p. 206)

Num dos poucos encontros que tiveram, horas depois do narrador emprestar para Funes seu exemplar da *Naturalis historia* de Plínio, juntamente com um dicionário, pois Funes não conhecia o latim, ele escuta da estranha figura uma citação do primeiro parágrafo do capítulo XXIV do livro sétimo, cujo assunto é a memória: “*ut nihil non iisdem verbis redderetur auditum*” (“nada do que foi uma vez ouvido pode repetir-se com as mesmas palavras”). Não poderia ser mais estranho tais palavras na boca daquele que tudo ouvia, via e escutava, e tudo lembrava.

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. *Ficções*. SP: Cia das letras, 2007.
- DERRIDA, J. Freud e a Cena da Escritura. In: *A escritura e a diferença*. SP: Perspectiva, 2009.
- FREUD, Sigmund. Carta 52. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. I. RJ: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras (1899) In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. III, RJ: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Nota sobre o Bloco Mágico (1925). In: Freud, S. *Obras Completas, O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923 - 1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *O Infamiliar*: seguido de O homem da areia. Tradução de Romero Freitas, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana: Sobre as afasias (1891): O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.